

4.6 DIÁLOGO MULTIDISCIPLINAR

4.6.1 Aquecimento global, perigo iminente?

Alessandra de Souza Santos

*Técnica do Ministério Público. Taquígrafa
Bacharela em Biologia e Microbiologia*



Alessandra de Souza Santos

Em seu artigo “Efeito Estufa pode tornar Furacões mais Violentos”, publicado dia 4 de setembro, o Jornal Estado de Minas veiculou que o aquecimento global decorrente da intervenção humana no meio ambiente pode ser responsável pelos fenômenos meteorológicos mais severos que têm ocorrido recentemente, com destaque para os furacões. Principalmente após o imenso desastre que ocorreu com a passagem dos furacões Katrina e

Rita nos Estados Unidos, essa notícia traz de volta o embate científico entre ambientalistas e cientistas que pregam os danos do aquecimento global contra aqueles que julgam que o fenômeno não possui correlação tão forte com essas alterações. A reportagem diz que recentes estudos têm apontado a conexão do aquecimento global com os furacões, em decorrência do aquecimento da superfície da água marinha que favorecerá o surgimento de tufões e furacões e aumentaria sua frequência, intensidade e duração, aumentando, dessa forma, o número dos que apóiam a teoria de que há relação entre os desastres ecológicos e o aquecimento global. Isso traz de volta ao cenário principal as duras críticas às políticas adotadas por diversos governos, principalmente o norte-americano, no que concerne à emissão de gases poluentes na atmosfera.

Os possíveis efeitos dessas mudanças climáticas podem incluir secas prolongadas, severas inundações, furacões, tufões e tornados, e até mesmo o retorno de uma era glacial em determinadas áreas do globo em decorrência da mudança das correntes marinhas. De acordo com Alley (2004), uma nova era glacial poderia ocorrer devido ao derretimento de calotas polares no globo e a conseqüente dessalinização dos oceanos. Diluída pela água que desce das geleiras dos continentes polares, a água do mar ficaria menos densa e a chamada circulação conectiva dos oceanos seria prejudicada, o que resultaria em continentes ao norte com climas semelhantes ao da Sibéria. Outros efeitos desastrosos da interferência humana no planeta serão a extinção de inúmeras espécies da fauna e da flora em ritmo acelerado, com efeitos irreversíveis no bioma e perda de material genético. As mudanças climáticas reduzem o habitat das espécies, facilitam o aparecimento de novas doenças, devido ao enfraquecimento imunológico dos animais, e permitem que novas pragas surjam em locais antes inusitados.

Do ponto de vista sócio-econômico, a degradação do meio ambiente, principalmente, as severas alterações climáticas acenam para um futuro sombrio, com a possível redução de água potável no planeta; fome em várias regiões, devido às intensas secas; diminuição do pool genético de espécies potencialmente interessantes do ponto de vista sócio-econômico. Alley (2004) enfatiza que mudanças severas no clima poderiam levar as nações mais desenvolvidas a erguer barreiras em volta de seus territórios e recursos, deixando as nações mais desfavorecidas à própria sorte, tendo de lutar por água e comida.

Há uma corrente ainda forte que reluta em citar a mudança climática como sendo responsável por esses efeitos dramáticos, ao argumento de que os modelos e simulações preconizados pelos cientistas exageram nos efeitos ambientais ou não conseguem demonstrar conexão satisfatória do aquecimento global com os desastres ambientais. Entretanto, um artigo publicado na revista *Nature* (in: Jornal Estado de Minas, 4 de setembro de 2004) demonstra essa mudança de paradigma no meio científico. Alley (2004) assevera que mudanças climáticas avassaladoras e repentinas já ocorreram antes e podem ocorrer novamente, sendo, provavelmente, inevitáveis. Entretanto, ele aponta o aquecimento global como um provável fator de risco para a detonação de mudanças climáticas severas e menciona não somente a emissão de gases tóxicos na atmosfera, mas também a derrubada de áreas de floresta como fatores de risco.

Certo é que essas discussões resultarão em benefícios, independentemente da corrente vencedora. De acordo com Case (2005), várias companhias americanas têm voluntariamente se integrado a programas que visam à redução de emissões de gases poluentes, tais como o Chicago Climate Exchange. Essa associação, cujos membros incluem a Ford, a IBM, a Motorola, indústrias de energia e de aço, dão incentivos financeiros àqueles que conseguirem reduzir o nível de emissão de gases. Além disso, iniciativas como encontros específicos sobre mudança climática têm unido representantes de vários países para a troca de experiências para se lidar com o impacto ambiental. Parece haver um consenso crescente de que é preciso pensar adiante e reverter o crescente impacto humano no planeta, seja ele a emissão de gases, a derrubada de florestas para pasto, a poluição aquática, etc. Caso não haja mudanças no padrão de comportamento das populações mundiais e não se adotem políticas de planejamento sustentável, seremos vítimas de nossa própria civilização.

Referências bibliográficas:

- ALLEY, R.B. **Mudança Climática Brusca**. In: Revista Scientific American Brasil, edição nº 31, dezembro de 2004;
CASE, B. M. **Climate Change Becomes Serious Business**. In: The Dallas Morning News, 2 de outubro de 2005;
Efeito Estufa pode Tornar Furacões mais Violentos. In: Jornal Estado de Minas, 4 de setembro de 2005.